

Resenha do livro: GRILLO, José Geraldo C.; GARRAFFONI, Renata S.; FUNARI, Pedro Paulo A. (Orgs.). **Sexo e Violência – Realidades antigas e questões contemporâneas**. São Paulo: Annablume, 2011.

Mariane Pizaro de Souza²

A obra *Sexo e Violência: Realidades Antigas e questões contemporâneas* é organizada pelos historiadores José Geraldo Costa Grillo³, Renata Senna Garraffoni⁴ e Pedro Paulo Abreu Funari⁵, e faz parte da coleção História e arqueologia em movimento, que visa publicar obras originais que trazem à tona as principais discussões historiográficas e arqueológicas da atualidade.

A obra agrega estudos sobre sexo e violência em períodos históricos distintos sob uma variada gama de abordagens que buscam explorar e interpretar os temas através de diferentes óticas. Por causa dessa característica, o volume teve seus capítulos divididos em duas principais temáticas, uma voltada para o mundo antigo, a qual é o foco desta resenha, e a outra para o contemporâneo, e, ainda, com um texto introdutório de Ian Buruma, no qual se relaciona e polemiza os dois temas. O volume explora as relações entre passado e presente, abordando as peculiaridades e sensibilidades de povos de diferentes períodos em relação às suas percepções sobre sexo e violência.

O primeiro capítulo a respeito da temática do Mundo Antigo denomina-se *Tramas nos domínios do faraó*, escrito por Margaret M. Bakos. A autora analisa breves e fragmentados papiros do Egito Antigo. Um deles relata o julgamento de uma conspiração no harem do faraó que possivelmente teria levado a sua morte. Entretanto,

2 Graduada em História da Universidade do Sagrado Coração. Resenha realizada sob a orientação da Prof^a. Dra. Lourdes C. Feitosa

3 Professor do Departamento de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo.

4 Professora da Universidade Federal do Paraná e vice-líder do grupo de pesquisa CNPq Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado.

5 Professor Titular de História Antiga e Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Unicamp.

como explica a autora, é surpreendente que esses registros tenham sido produzidos já que para os egípcios a escrita detinha propriedades mágicas de criação, pois acreditava-se que ela possuía origem divina. Sendo assim, evitavam registrar qualquer acontecimento “ruim” com o receio de que este viesse a se repetir, e isso explicaria o fato dos nomes dos acusados da conspiração não estarem claros nos pergaminhos.

No capítulo *O jardim do pecado: uma narrativa de violência sexual na Mesopotâmia*, Katia Maria Paim Pozzer analisa um texto literário da Mesopotâmia, escrito em língua suméria. A autora relata a história de uma deusa que foi estuprada ao adormecer em um jardim, e enfurecida por não encontrar o culpado, assola o país com pragas, até que roga auxílio a outro deus, que lhe entrega o homem. No documento não é possível compreender qual foi o castigo que lhe foi imposto, entretanto o culpado não seria esquecido através do tempo. Nesse trecho, Pozzer salienta que os mesopotâmicos não acreditavam em vida após a morte, mas que temiam o esquecimento. Assim, o maior conforto e desejo desse povo era ter sua memória preservada pela história.

Grillo, em *Guerra, violência e sociedade na iconografia do sacrifício de Políxena*, examina cinco vasos áticos que vão do século VI ao século Va.C, com a representação do sacrifício de Políxena, relatada em uma lenda, que foi uma virgem sacrificada no funeral do guerreiro Áquiles. O autor analisa as transformações que a concepção de sacrifício obteve no decorrer da história grega, já que no vaso mais antigo os soldados estão representados com uma postura indiferente ao observarem a mulher ser morta, enquanto as outras representações possuem elementos que demonstram certa sensibilidade ao ato, como, por exemplo, em uma delas os soldados dão as costas à cena do sacrifício.

Em *Homoerotismo, sedução e violência na Grécia Antiga. Presente e raptos, visões de pederastia na iconografia da cerâmica ática (séc. Va.C.)*, Fábio Vergara Cerqueira examina vasos áticos que possuem representações homoeróticas. Ao estudar vasos do século VI a.C., percebe que a iconografia aborda o tema explicitamente, já em representações do final do século VI e início do século IV era retratado de forma mais implícita. Os historiadores vitorianos oitocentristas, que condenavam a prática do homoerotismo, interpretavam essa mudança como uma forma de desinteresse dos gregos pelo assunto. Entretanto, o autor argumenta que o interesse continuava o mesmo, e que a grande mudança está, apenas, na forma de abordagem. Cerqueira conclui que isso choca as visões tradicionalistas que se têm sobre as relações homoafetivas na Grécia, e enfatiza a necessidade da revisão de conceitos que ainda são vistos sob o preconceito vitoriano.

No capítulo *Corpo e sexualidade feminina na Atenas Clássica*, Fábio de Souza Lessa defende que as concepções de corpo e sexualidade não são somente biológicas, mas também uma construção cultural. O autor chega a essa conclusão ao analisar que ideologicamente o corpo da mulher grega era considerado frio e frágil, e se restringia a fins reprodutivos, enquanto o corpo masculino era quente, forte e poderia ser exposto à nudez.

Garraffoni, em *Sangue na arena: repensando a violência nos jogos de gladiadores no início do Principado Romano*, reflete como a interpretação sobre os combates de gladiadores e a violência tornou-se um problema para os historiadores do pós Segundo Guerra Mundial, que foram os responsáveis por construir a imagem de um povo romano apreciador de espetáculos violentos e possuidor de gostos duvidosos. A autora propõe que a partir de um diálogo entre a História e a Antropologia, seja possível a busca por interpretações menos homogêneas para os combates. Garraffoni cria, assim, alternativas para compreender o contexto em que esses jogos eram realizados.

Em *Sexualidades Antigas e preocupações modernas: a moral e as Leis sobre a conduta sexual feminina*, Marina R. Cavicchioli discute a conduta sexual feminina traçando um paralelo entre o mundo romano e o contemporâneo. A autora faz uma comparação entre as Leis romanas e as Leis brasileiras que vigoraram no século passado, ressaltando as semelhanças entre as duas, como, por exemplo, leis que puniam as adúlteras com morte e anulavam o casamento, caso somente a mulher não fosse virgem. A autora denuncia que nem sempre o discurso dominante trouxe alguma contribuição positiva. Cavicchioli ainda sugere que se a sociedade atual for incorporar algum valor romano, que seja o sexo sob o prisma de uma relação sagrada, positiva, vinculada à vida e que proporcione sorte.

André Leornado Chevitarese e Gabriele Cornelli, em *Sexualidade e violência no Reino dos Céus: o caso do Evangelho Secreto de Marcos e as tradições cristãs primitivas*, analisam uma passagem no evangelho de Marcos, na qual um jovem nu enrolado em um lençol segue Jesus no momento em que Ele é preso, depois de ter sido abandonado por seus discípulos. Examinam alguns fragmentos encontrados do evangelho perdido de Marcos que fazem referência a esse jovem, que teria sido batizado nu por Jesus, e levantam a hipótese de que essa passagem tenha sido banida do evangelho, pois faria referência a algumas vertentes da religião cristã que usariam relações homoeróticas como parte de um ritual de iniciação. Os autores comentam que essa seria uma pequena lição com os atuais homofóbicos das igrejas cristãs, e uma contribuição para superar a visão irredutível da criação do cristianismo.

A obra atingiu seu principal objetivo ao esclarecer a necessidade de revisão de determinados conceitos que se têm sobre a Antiguidade, e que, por vezes, ferem a moralidade atual. O livro ressalta como certas concepções atuais sobre sexo e violência no Mundo Antigo foram construídas por preconceitos da historiografia de outras épocas, como exemplificou Cerqueira a respeito do interesse de historiadores da Era Vitoriana em tentaram mostrar o desinteresse grego por práticas homoafetivas, as quais eram condenáveis para a moral oitocentrista, e que ainda são mal vistas por certos grupos da sociedade atual.

Uma proposta significativa e de suma importância não só para os estudiosos de História, mas para o público em geral, é a reflexão sobre as concepções atuais em relação a essas temáticas para a Antiguidade, e como tais conceitos ainda são vistos através de óticas depreciativas. Sugere aos leitores a tentativa em compreender o Mundo Antigo sob os olhos dos mesmos, sem cometer o anacronismo de julgar os comportamentos e as atitudes humanas do passado segundo as regras que regem a moral atual. Assim, talvez pudéssemos repensar como lidar com o Outro, aquele que lhe é Diferente, nos dias de hoje, como sugere Garraffoni em seu capítulo sobre gladiadores.

Outra aspecto interessante abordado é como o estudo da Antiguidade revela o quanto da História da humanidade, mais do que repleta de mudanças, é abarrotada de permanências, cujos temas servem de reflexão e questionamento para os indivíduos da atualidade.

O livro é recomendável para o público em geral que se interessa pelo conteúdo tratado na obra, e não somente para os estudiosos sobre o assunto, já que os autores tiveram o cuidado de situar o leitor no tempo e espaço no qual o tema específico foi abordado, em uma linguagem acessível. Desse modo, o leitor poderá compreender e refletir sobre as questões propostas ao final de cada capítulo.